Henrique Vieira Filho

Os Coretos do Jardim Público

Há pouco mais de 20 anos, no dia 27 de julho, o lendário serra-negrense, Alcebíades Félix, publicou com o título acima, uma crônica abordando as criações e reformas de três coretos na cidade.

Sempre polêmicas e de grande visibilidade, as obras ora seguiam as tendências arquitetônicas da época, ora eram necessárias para comportar o crescente número de integrantes das bandas.

Já teve até governador que resolveu padronizar formato e tamanho iguais para todas as cidades, nos anos 70.

"Coreto", um diminutivo de "coro", é uma palavra que, tanto do grego "khoros", quanto do latim "choru", significa "dança", e, com o tempo, passou também a nominar o local em que as apresentações eram realizadas e ampliou seu alcance adjetivando outras formas de arte, sendo este o caso dos cantores coralistas.

Coreto Antigo | Ilustração de Henrique Vieira Filho

Assim foi nesta semana, em que tivemos o "coral no coreto" de Serra Negra: viajando mais de 700 km só para nos encantar, o Coral da Orquestra Filarmônica de Balneário de Camboriú nos deixou corados com seus belos cantos.

Na verdade, queríamos "bagunçar o coreto" ainda mais, com muitas outras atrações, mas, um problema técnico limitou o tempo de palco concedido pela prefeitura, ficando de fora a programação com MPB, literatura, dança, cultura pop e até uma atenção especial ao grupo da "melhor idade", com atividades de relaxamento, alongamento e até sorteios aos que estavam presentes nas cadeiras da praça.

Ou seja, o palco teve de tudo, menos discurso político (ufa!), que também é uma tradição secular nestes espaços públicos.

Nem todos sabem, mas, a ribalta que fica na Praça João Zelante é maior por dentro! Ou, melhor dizendo, por baixo: inúmeras salas para estocar cadeiras, equipamentos e camarins atravessam a rua, de tão longo que é o subterrâneo!

Bem verdade, as diminutas versões antigas desses gazebos eram bem mais românticas que as atuais. Contudo, convenhamos, para os novos tempos, que exigem caixas de som poderosas, iluminação cenográfica, salas para troca de figurinos, espelhos para maquiagem e toda uma infraestrutura capaz de comportar as mais variadas formas de artes, os palcos tiverem que se tornar maiores.

Seria o caso até de mudar o grau para o aumentativo: coretões! Termo estranho que nunca irá vingar, pois, no imaginário coletivo, saudoso e sentimental, continuamos a chamar, carinhosamente, no diminutivo: coreto ainda é o correto, mesmo quando gigante!

Articulando

Casos & Causos

Nestor Leme

A Casa Stenguel

A família Stenguel | Arquivo de Nestor Leme

Às vezes, leitores desta coluna e outros que seguem a página Fotos Antigas e Novas de Serra Negra, no Facebook, me perguntam como eu conheço tanto a história de nossa cidade. E eu lhes respondo que para ter este conhecimento, apenas procurei as fontes de informação certas. Assim que comecei a escrever a coluna Causos e Casos, há mais de vinte anos, no extinto "Jornal Cidade", e atualmente no Jornal O Serrano, fui procurar com antigos moradores dos bairros serranos, as histórias que estes viram acontecer nos locais onde moravam.

No Bairro dos Francos, meu informante era o falecido amigo Nivaldo Dei Santi, que passou toda a sua existência naquele bairro. No Bairro das Posses, tinha como informante o também amigo Carlão Basseto, e assim por diante. Quando eu queria saber uma história acontecida num bairro, procurava o morador mais antigo e era com este que obtinha as informações. Porém, a minha maior fonte sempre foi a minha família, pois nós, os Souza Leme's, sempre estivemos dentro da história serrana. Meu pai era bisneto de José Joaquim Pires, o mesmo que conseguiu a lista com as duzentas assinaturas que foram enviadas ao Bispo de São Paulo, acompanhando a Carta de Petição dos Povos, pedindo a concessão da Capela Curada de Serra Negra. E minha avó materna, Ambrosina de Souza, era descendente de antigos proprietários da Fazenda São Pedro, no Bairro dos Francos, e casada com José Quirino de Souza Filho, jornalista fundador de dois jornais do nosso passado.

Minha avó nasceu na fazenda dos pais, e quando se casou, por volta de 1878, veio morar na Rua Santa Cruz, atual Rua Visconde, onde viveu até seu falecimento em 1960, aos 94 anos de idade. E nos últimos oito anos de sua longa vida, teve problemas de locomoção, ficando o maior tempo na cama. Eu era um dos netos que mais a visitála, porque ela, ainda lúcida, vivia contando de como era a Serra Negra de sua infância e juventude. E foi dela, que obtive informações de como era nossa rua do passado.

Contou a avó Ambrosia, que seu pai já fazia compras num armazém que antecedeu a Casa Stenguel, hoje Supermercado Ciandrighi, pois aquele ponto comercial existente do final da Rua Visconde, é o mais antigo da história serrana. Ali, sempre existiu um ponto de vendas de secos e molhados. Eu conheci aquele armazém, quando este já era dirigido pela família Stenguel, descendentes de austríacos, mas que chegaram à Serra Negra juntos dos imigrantes italianos, no final do século 19. A Tia Zita, com quem morava minha avó, era freguesa daquele armazém, e era eu quem fazia suas compras. Confesso que gostava de ir até lá e ver as mercadorias que existiam nas velhas prateleiras. Lá, além dos secos e molhados, também era possível adquirir pólvora e chumbo para caça, anzóis e linhas, para pesca, ferragens, sementes, cal e tintas, ou seja, tinha de tudo. Também existia um canto do balcão como ponto de reunião da turma que chegava todas as tardes para prosear e tomar os aperitivos diários.

Um dia destes, fui às compras no supermercado que sucedeu a Casa Stenguel, e vendo a impaciência da freguesia atual, esperando ser atendida nas filas dos caixas, fiquei imaginando este povo apressado de hoje, sendo atendido pelo sossego do Seu Antônio Stenguel, do Felix e Armando Stenguel, do Armelindo Marson e dos caixeiros Sérgio Dalonso e Nardo Civera.

A história se repete

Acredito que desde sempre, a história da humanidade é marcada pela exploração do povo por aqueles que estão no poder com taxações absurdas e a prática de corrupções. Se existe alguém que seja contra e aja de outra forma, tentando eliminar essas práticas, será realmente aniquilado pois aqueles que se beneficiam dessas práticas, irão contra. A verdade é que desde civilizações antigas, até os dias de hoje, em grande parte do planeta terra, acontece um padrão de desigualdade e abuso de poder. Desde a China antiga, na dinastia Han, eram impostos pesados impostos aos camponeses e havia uma corrupção endêmica entre os oficiais. Se cobrava mais para embolsar a diferença e, essa prática, acabava gerando muitas revoltas de camponeses que acabavam não resultando em mudanças. Era quase uma constante do mundo antigo a exploração descarada do povo.

No Egito, se não tivesse cobrança de impostos, não se conseguiria construir as obras faraônicas e monumentais. Tais cobranças resultavam em sofrimento e fome entre os camponeses e os faraós e elites ficavam cada vez mais ricos. O Império Romano que era famoso por sua organização e governança, também não escapou de cobranças exorbitantes e da corrupção e, tais práticas, estavam presentes em diversas esferas do governo.

Aí, vem o período medieval, e na Europa aconteceu o desenvolvimento de feudos. Ah, mais uma vez os senhores, que eram os donos dos feudos, cobravam tributos pesados dos seus vassalos, que eram aqueles que viviam nos feudos. A Igreja católica, que era uma das grandes proprietárias de terras também cobrava seus dízimos, acumulando riquezas imensas. O homem, sempre em busca de riquezas, inicia sua fase de exploração marítima e os grandes países conquistadores iniciam as explorações de colônias. O Brasil foi uma dessas colônias e por aqui também muitas cobranças abusivas, desvios de recursos e furtos aconteciam. O governo enriquecia com impostos e muitos desvios ocorriam, enquanto o povo permanecia empobrecido.

Na época atual, poucos são os países que podemos dizer que são justos e muitos ainda continuam com imensos escândalos de corrupção de governantes e empresários envolvidos em desvios bilionários, onde o povo arca com o sustento de governos corruptos, com poucos recursos destinados ao bem-estar social, e muitos recursos desviados aos bolsos de uma elite política e econômica envolvidos.

E, assim, a história se repete e, a corrupção e taxações continuam sempre pendendo para o lado dos governantes, enquanto o povo suporta as injustiças.

Os Coretos do Jardim Público

Há pouco mais de 20 anos, no dia 27 de julho, o lendário serra-negrense, Alcebíades Félix, publicou com o título acima, uma crônica abordando as criações e reformas de três coretos na cidade.

Sempre polêmicas e de grande visibilidade, as obras ora seguiam as tendências arquitetônicas da época, ora eram necessárias para comportar o crescente número de integrantes das bandas.

Já teve até governador que resolveu padronizar formato e tamanho iguais para todas as cidades, nos anos 70.

"Coreto", um diminutivo de "coro", é uma palavra que, tanto do grego "khoros", quanto do latim "choru", significa "dança", e, com o tempo, passou também a nominar o local em que as apresentações eram realizadas e ampliou seu alcance adjetivando outras formas de arte, sendo este o caso dos cantores coralistas.

Coreto Antigo | Ilustração de Henrique Vieira Filho

Assim foi nesta semana, em que tivemos o "coral no coreto" de Serra Negra: viajando mais de 700 km só para nos encantar, o Coral da Orquestra Filarmônica de Balneário de Camboriú nos deixou corados com seus belos cantos.

Na verdade, queríamos "bagunçar o coreto" ainda mais, com muitas outras atrações, mas, um problema técnico limitou o tempo de palco concedido pela prefeitura, ficando de fora a programação com MPB, literatura, dança, cultura pop e até uma atenção especial ao grupo da "melhor idade", com atividades de relaxamento, alongamento e até sorteios aos que estavam presentes nas cadeiras da praça.

Ou seja, o palco teve de tudo, menos discurso político (ufa!), que também é uma tradição secular nestes espaços públicos.

Nem todos sabem, mas, a ribalta que fica na Praça João Zelante é maior por dentro! Ou, melhor dizendo, por baixo: inúmeras salas para estocar cadeiras, equipamentos e camarins atravessam a rua, de tão longo que é o subterrâneo!

Bem verdade, as diminutas versões antigas desses gazebos eram bem mais românticas que as atuais. Contudo, convenhamos, para os novos tempos, que exigem caixas de som poderosas, iluminação cenográfica, salas para troca de figurinos, espelhos para maquiagem e toda uma infraestrutura capaz de comportar as mais variadas formas de artes, os palcos tiveram que se tornar maiores.

Seria o caso até de mudar o grau para o aumentativo: coretões! Termo estranho que nunca irá vingar, pois, no imaginário coletivo, saudoso e sentimental, continuamos a chamar, carinhosamente, no diminutivo: coreto ainda é o coreto, mesmo quando gigante!